

A GRINALDA.

PERIODICO LITTERARIO.

Publica-se todos os domingos: assigna-se por 600 rs. mensaes, e vendem-se a 160 rs. os ns. avulsos.



Eis a *Grinalda*.

Dous pensamentos intrepidos, para quem a coragem é um dever, e o temor uma vileza, quando se trata de empresas reclamadas pela illustração, e progresso do paiz; dous corações que, apesar da frouxidão e desêspança do seculo, ainda leem no livro do futuro alguma cousa digna dos sacrificios da mocidade, fechando os olhos á morte de quantas folhas desta natureza, cheias de vida, e resplandecentes de gloria, tem expirado instantes depois de seu nascer, vão apresentar com ella mais um desses gloriosos esforços, que, mesmo quando mallogrados, legam áquelles, que os fazem, fama que, si é esquecida pela injustiça, e ingratição dos contemporaneos, raras vezes deixa de grangear os elogios e applausos da posteridade. Conscios entretanto de sua exiguidade nada promettem, senão quanto estiver em si; e bem certos de que nos vastos campos da litteratura só poderão colher mesquinhas flores, com ellas vão tecer a grinalda, que ora depositam no seio da patria com o mesmo affecto, singeleza, e dedicação, com que o filho amante deposita no seio de sua adorada mãe o ramalhete que colhera em suas excursões infantis. Semelhante á uma dessas plantas que, nascidas em dias tempestuosos, encaram com a coragem da innocencia o raio prestes a feril-as, o furacão disposto a despedaçal-as, e muitas vezes a serpente entrelaçada em seus ramos, ella se entrega aos furores deste

mundo todo egoismo e ambição, todo soberbo com as suas baixeza, todo oppulento com as suas miserias, disposto a conservar, apesar de tudo, o muitas vezes fanatico prestigio de suas antiguidades, em defesa das quaes tem sempre assestados seus dardos de mil modelos.

Soberana porém em sua humildade, quanto docil em suas crenças, está disposta á ouvir, e aceitar mesmo agradecida as lições prudentes das intelligencias illustradas, assim como á desprezar o latir dos zoilos; e entre os sarcasmos da ignorancia, baldões do pedantismo, epigrammas da mordacidade, apresentará a calma do recém-nascido nos mares, que dorme somno solto sobre o dorso encapellado das ondas, embalado pela tempestade.

A poesia, e a historia são os jardins, onde os seus redactores pretendem fazer maior colheita: alguns artigos, porém, escriptos *ad libitum*, contribuirão quanto for possivel para que a folha se não torne monotona. Todas as condições apresentadas no programma já publicado serão escrupulosamente satisfeitas: finalmente os redactores da *Grinalda* nada pouparão para que a sua folha se torne digna da attenção de todos aquelles, que a quizerem honrar com a sua leitura.

OS TUMULOS.

INTRODUÇÃO.

Eu viajo por uma estrada, que muito pouco conheço: todos os dias a encontro nova, e

uma potencia invisivel se me trava adiante para com dextra magica desenhar á cada passo diante de meus olhos jardins, palacios, arenas lastradas de coroas, e palmas triumphaes, cofres peçados de riquezas desmedidas, glorias á cada passo diversificadas, e cada qual mais seductora. Attrahido pelos seus encantos corro como um louco para ellas, porém quando se não sommem antes que eu possa tocal-as, desapparecem-me entre as mãos, ou por mais que dellas me aproxime sempre as encontro na mesma distancia. Entretanto, ao lume de uma alampada, que por vezes me esclarece a marcha, tudo muda de face: os fantasmas sommem-se: o caminho se me apresenta lastrado de precipicios: paro então sem querer, transido de horror e de angustia; e no meio de tudo isto, não podendo supportar o terrivel aspecto da realidade, apago a alampada, chamo os meus fantasmas, e continuo a divertir-me com as minhas illusões.

Á bom preço, porém, tenho pago arrôjo tão insensato. Distrahido pelas imagens fascinadoras de meus sonhos, á cada passo tropeço e caio: rolo de abysmo em abysmo, de precipicio em precipicio, e delacerado o coração por venenosos vermes, de que elles tanto abundam, só me curam as feridas o tempo, e as lagrimas: então levanto-me e prosigo com passo infermo, illuminado pelo meu phanal, que de novo accendo. No entanto, já vou sentindo, que meus olhos embaciados pelo pranto, e meu coração, ulcerado por tantas chagas observam com mais coragem a verdade, e com menos enthusiasmo a mentira. Já me não enfeitiçam tanto essas estrellas de gloria que, tão brilhantes, e em tão grande copia se deixam ver no firmamento da esperanza do joven; mas tambem ainda me não acostumei com as asperezas do cilicio da razão: meu ser ainda é uma arena em que se batem estas duas idéas oppostas: mundo, e verdade —, entrincheirados, esta no pensamento, e aquelle no coração.

Em um momento, em que esses dous inimigos se davam em mim bem forte, e renhido combatte; em uma dessas horas, em que o espirito nescessita de repartir-se com a natureza, ou recebê-la em si como o unico nectar capaz de moderar o amargor do fel, que lhe derrama o pensamento; em uma dessas noites de meditação, e de dor, em que pondo o livro negro do meu passado na estante do presente, devoro-lhe as paginas amargas, depois de ler nellas para meu futuro uma sentença de desesperação; minha alma pesando na balança do amor proprio o seu nada, lembrando seu esquecimento, e comparando sua desgraça com tantas felicidades, sua fraqueza com tantas forças, e sua miseria com tantas grandezas, partida por uma espada de agonia dividio-se em duas partes, uma desfeita em pranto cahio sobre a terra, em quanto a outra, nas azas de um olhar, que se erguia para o firmamento voou para os céos transformada em um pensamento de fé. Senti-me então arrebatado por um prodigioso extasis. De um ponto que ainda desconheço pude ver todos os povos, e gerações do mundo, caminhando em circulo sobre uma esfera que se equilibrava nas nuvens. Tudo porém soffria um terrivel cataclismo, porque depois de descreverem um arco mais ou menos longo, precipitavam-se n'um campo sem fim, que por baixo da esfera se estendia. Para ahi vi rolares imperios sobre imperios, cidades sobre cidades, e ficarem reduzidos a miseraveis combros de pó. Povos de todas as nações, edades e classes cahiam aos montes tornados em cadaveres, havia entretanto alguma distincção nas quedas. Os avaros e os reis com os braços alçados, parecia ainda quererem agarrar, aquelles os cofres, e estes os sceptros e os diademas, que desfeitos em cinzas lhe cahiam sobre as faces; em quanto que o pobre estendia a dextra para a terra como para pedir-lhe a sua ultima esmola. Mas apenas chegavam ao pavimento, terminavam as diffe-

renças; os thronos cresciam a inversa, e os soberanos tinham de contentar-se com o seu cortejo de vermes, e com o seu banquete de terra: consentiam que os plebeos dormissem á seu lado, e na mesma posição, e assim tive de ver junctos, e em plena tranquillidade os mais abjectos escravos, com os mais oppulentos Senhores, e ao pé dos mais vis de seus soldados, Cesar Alexandre, e o Leão formidavel da Corcega.

Em quanto me demorava na contemplação destas maravilhas, repentinamente uma nuvem de bronze dominou todo o espaço dos céos: tudo ficou em trevas, e o ribombo de um trovão parecia varrer os astros, e despedaçar o firmamento. Meus olhos instinctivamente para elle se voltaram. Do lado do occidente se abria uma porta de luz, por onde um genio descia voando.

Uma tunica roxa lhe descia do collo até os pés, onde ia encontrar-se com as pontas semi-negras de suas azas côr de cinza. Trazia na sinistra uma tocha, e na direita uma razeira. Chegou ao campo dos mortos: (por um pouco cessou a chuva dos cadaveres) afincou no chão a tocha, e correu a razeira por todo o espaço occupado. Lançou para todos os lados olhares perscrutadores, e depois erguendo a voz assim bradou: Nações grandes ou pequenas, reis e vassallos, escravos e senhores, terra e firmamento, de que vos servem vossas pompas, ou andrajos, soberba ou humildade, força ou fraqueza; trevas ou luz?... si náos, ou piscatorias esbarraes com igual naufragio nas praias do meu dominio?! Conferio-me o céu o poder de nivelar-vos, como elle vos nivelou; e confiou-me a vossa guarda para vos levar inteiros ao unico e verdadeiro juizo, quando soar a trombeta da vida nesta terra de mortos: eu o satisfarei: daqui nenhum grão de terra se levantará mais do que outro, porque o vento da soberba não sopra nestes lares.

Humildes, eis o monumento de vossa gloria..

Potentados, eis o pregão de vossa miseria!!

Grandezas humanas, eis o espectaculo do vosso nada!!

Ao estridor destas ultimas palavras torno á mim: tinha dormido tres horas.

Tudo isto sei eu, que foi um sonho, porém fez-me tal emoção, que desde esse acontecimento não se passa uma só noite, em que eu não tribute á morte algumas horas de meditação. O complexo dos pensamentos nellas collidos forma a somma dos escriptos a que intitulei — Os Tumulos. — Alguem os leu, á cujas instancias obriguei-me a publical-os: assim em falta de melhor materia, sahirão impressas fracções deste trabalho nos numeros da presente folha.

A EMULAÇÃO.

.... On verra ce que peuvent la vertu, la science, et l'autorité animées d'une noble émulation, et travaillant de concert à la facilité du genre humain.

(Rousseau — *Discours sur les sciences et les arts.*)

Para que uma nação floresça, e no immenso theatro do mundo represente um papel grandioso e sublime; para que os seus annaes — como um phanal — resplandesçam vislumbantes no porvir — após haverem deixado no caminho dos seculos um sulco indelevel de luz, que illumine a estrada, que ainda têm de transitar as gerações por vindeiras; — para que finalmente uma nação attinja o apogeo da grandeza e da gloria, força é que primeiro ella imagine para si um futuro grande, e comprehenda, que tem de preencher na terra uma por demais importante missão, que superior não é ás suas forças, — e que depois cheia de vida, cheia de esforços, e afanosa trabalhe para converter n'uma realidade aquillo, que repousa em sua mente como um sonho ainda; — mas para que esse movimento animador se dê no seu organismo, para que a sua vida social vigore,

cumprir, que se arranque do seu seio todo o principio máo, capaz de perverter sua organização, e consequentemente fazer definhir a sua vida de tal sorte, que venha á descahir n'um estado de marasmo, e perecer a nação, primeiro que tenha podido chegar á quadra do seu brilhante florescer.

Além de outros, o principio mais pernicioso, que damnifica a vida de uma nação é o enregelado indifferentismo para tudo quanto a póde engrandecer; e de um veneno semelhante é o verdadeiro antidoto a *emulação*.

Uma vez sabendo aquelle, de quem dependem os destinos de um povo, ministrar-lhe esse remedio efficaz e regenerador, sentirá, vendo esse povo erguer-se cheio de vida, rico de esperança, e brilhante de virtudes, coar-lhe n'alma o prazer indisivel, que sente o filho de Hypocrates, quando com os esforços de sua arte consegue restituir á vida um seu semelhante, que luctava nas vascas da morte; ou como o que devia de ter sentido o grande escravo de Putiphar, derramando a abundancia por todo o Egypto, que definhava nas garras da miseria e da fome. O meio unico pelo qual se póde no seio de uma nação despertar esse sentimento sublime, é conhecer as diversas indoles dos individuos, que a compõe, e applical-as aos differentes magisterios, que lhes são adequados, e jámais contrarial-as; porque então as sciencias e as artes nunca chegariam ao summo grão de perfeição possivel;—assim por exemplo—aquelle individuo cujo talento fosse para as mathematicas em todo o periodo de sua vida a despeito dos seus maiores esforços não poderia ser bom medico, e assim por diante.

Isto posto, bem se vê que as sciencias, e as artes apresentariam brilhantes resultados, e tanto mais, quanto mais apreciados fossem elles, e o talento no respeito de todos os homens encontrasse a sua recompensa. D'est'

arte procederam os grandes monarchas em todos os tempos, e em todas as nações, procurando sempre infundir nos corações de seus povos esse sentimento grandioso, e nobre, a *emulação*; e foi por isso que o grande Egypto sob o dominio de Sesostres se alevantou tão alto, e poderoso, que á elle se curvaram submissos os Arabes, os Gregos, os Romanos, e os Turcos, e tornou-se o berço das sciencias, e das artes; foi por isso tambem que a Grecia já deu leis ao mundo, foi por isso que Roma foi do mundo a capital; foi por isso que essa afamada metropole de Oriente Constantinopla, quasi torna-se a metropole de todas as nações, e da mesma sorte a Persia, a Scythia, a Germania, e muitas outras, por terem monarchas que zelassem o seu bem, e promovessem a sua grandeza, e a sua felicidade, arremessaram atravez dos tempos até os nossos dias os seus nomes luminosos; que tem de romper sempre fulgurantes todas as eras até a consummação dos seculos. Assim pois é, como diz o grande Rousseau, o nobre sentimento de *emulação*, que unico póde fazer a felicidade do genero humano, vigorando para tal fim todas as virtudes, e todas as authoridades; e a nação que em seu seio não alimenta esse sentimento, enerva-se, e morre abafada pelo indifferentismo.

D'est'arte o Brasil nunca poderá sahir d'este miseravel estado de apathia, em que jaz, se aquelles que se devem de interessar pelos seus altos destinos, não se esforçarem por arrancar-lhe o cancro, que lhe roe as entranhas, e que ha de fazer que o Colosso Americano desapareça do quadro das nações, de sobre a face da terra, não tendo representado mais do que a mesquinha figura de um pigmeu, já envelhecido e cachetico na sua infancia, ou a figura de um avarento, que no seio da oppulencia vive coberto de emprestados andrajos. Houvesse *emulação* no Brasil, fosse procurado a talento, e a virtude, onde quer

que elles existam isolados no mais escuro recanto, e em vez das vaías, e baldões que sobre elles chovem lá mesmo em seu retiro, respeitassem a fulgurante aureola de gloria, que lhes adorna a fronte, e em seus corações lhes erigissem os homens um pantheon: então o gigante da America, primeiro que o tempo em seu perpetuo, e invariavel caminhar o esmagasse debaixo das suas plantas, e o arremessasse para a foz negra do olvido, se ostentaria magestoso e radiante de virtudes, como o céu resplandecente com os milhões de astros, que fulguram na sua azulada cupula; e a sua historia seria tão gloriosa como a de todas as outras nações, em cujos seios teem florescido as sciencias, e as artes.

① INFELIZ.

I.

Na hora de mago encanto,
Em que toda a natureza
Envolta em sombrio manto
Se entrega á doce tristeza,
Desgraçado trovador
Para atenuar a dôr,
Que o peito lhe atassalhava,
N'uma triste solidão
Do fundo do coração
Estas endeixas soltava:

II.

Eu soffro!... e como não sei
Se o meu soffrer terá fim,
Por estas faces correi,
Correi, lagrimas, assim....
Levae no vosso amargor
O negro fel d'esta dôr,
Que roe-me d'alma a raiz:
Nada ha no mundo, que tanto
Acalente, como o pranto,
As magoas de um infeliz.

III.

E esta dôr, que noite, e dia
Me atormenta sem piedade,

Só meu pranto é que alivia,
Que lhe quebra a intensidade:
Assim que devo chorar,
Por que não posso encontrar
Na terra alivio maior;
Quando lagrimas derramo,
Na dôr ditoso me aclamo,
Encontro prazer na dôr.

IV.

Quanto soffro o mundo ignora,
Por que escondo com cautella
A dôr desesperadora,
Que constante me atropella.
Só de Deos soccorro espero,
D'este mundo nada quero,
Nada preciso do mundo,
Que tudo, que é d'elle é vão
Como elle, e o meu coração
Sabe avalial-o á fundo.

V.

Que é dos amigos de outr'ora,
Que já tanto me cercaram?
Debalde os procuro agora....
Já todos me desprezaram!
E como não desprezar
Um triste, que para dar
Só tem suspiros, e ais?
Um triste que vive affeito
À gemer, e que no peito
Só tem magoa, e nada mais?

VI.

Nescio fui eu, que julguei
Que os mesmos sempre seriam;
Porém agora é que sei
Quanto ingratos me illudiam!
Apenas assim me viram,
Dos seus seios me expelliram
Co' o mais barbaro rigor,
Um peito existe sómente
Como o infinito, e que sente
Infinito a minha dôr.

VII.

Hoje até vivo privado
 Dos carinhos maternas,
 E sobre a terra-isolado
 Só me acompanham meus ais!
 Sem haver um coração,
 Aonde os meus males vão,
 Como outr'ora achar abrigo!...
 Que hoje por verem-me assim
 Fogem os homens de mim,
 Só meus ais vivem comigo!...

VIII.

Minha Mãi, se n'este estado
 Chegasseis á vêr-me um dia,
 Vosso peito assoberbado
 De angustias estalaria:
 Vendo o Filho tão querido,
 Tão por vós estremecido
 Á soffrer de vós ausente
 Todo o peso da desgraça,
 Sem haver quem lhe desfaça
 Metade da dôr que sente.

IX.

Porém Deus para poupar-vos
 Este golpe tão atroz,
 Quiz minha dôr occultar-vos
 Ausentando-me de vós.
 Quiz convosco a Divindade
 Por Sua Immensa Bondade
 D'est'arte usar de clemencia;
 Pois sem que testemunheis
 A minha dôr, sentireis
 A dôr sómente da ausencia.

X.

Qual de espectros um concerto
 Medonho, triste, e funereo
 Parece ouvir-se em deserto
 Derrocado cemiterio:
 Se ouve em meu peito o gemer

Do espectro do meu prazer
 Nas garras da minha dôr,
 Que as entranhas me trapassa,
 Bem como as sombras devassa
 Negro fantasma de horror.

XI.

Qual desabrocha na terra,
 Que de um craneo a carcomida,
 Carunchosa concha encerra
 Triste flôr quasi sem vida,
 Que ao brando sopro da brisa,
 Que entre as ramas se deslisa
 Dos cyprestes, se embalança;
 Apesar da dôr, que o rala,
 No meu coração se embala
 Tambem a flôr da esperanza,

XII.

Na doce crença de um Deos
 É que nutro esta esperanza:
 De que um dia aos males meus
 Ha de succeder bonança.
 Que o fel da minha agonia
 Ha de em nectar de alegria
 Finalmente se mudar.
 E esta erp'rança é que me alenta
 Contra a dôr que me atormenta
 Noite, e dia sem cessar.

XIII.

E d'esta alma o que seria,
 Se houvesse de Deos descrido?
 Já de ha muito que teria
 Á tanta dôr succumbido.
 Oh! ditoso o que procura
 Remedio á sua amargura
 Na crença da Divindade.
 O premio aos martyrios seus
 Recebe das mãos de um Deos
 No seio da Eternidade.

C. J. GOMES DE SOIZA.